

## **Expedição aos limites de minha casa**

### **ou depoimento sobre como a falta de luz solar pode provocar experiências insólitas durante períodos prolongados de confinamento**

André Cáceres<sup>1</sup>

#### **Capítulo 1**

Regressava eu da última de minhas viagens reais, realizada pelos túneis subterrâneos do sistema de metrô de São Paulo, quando me sobreveio a notícia: a liberdade jazia enferma num dos escassos leitos de terapia intensiva, respirando com o auxílio de aparelhos e sem esperanças de melhora no curto prazo. Impossibilitado de sair, tomei uma decisão que, espero, nem mesmo o mais insidioso leitor ousará questionar: empreendi uma expedição aos rincões de minha residência, resoluto a decifrar-lhe os enigmas que compõem os tijolos e o cimento. Inicialmente nascida do mais puro egoísmo, posta em execução para saciar a sanha de minha própria curiosidade, tal jornada ganhou contornos épicos que me senti obrigado a tornar públicos, convencido de que as anotações provenientes do itinerário doméstico tinham o efeito colateral de apaziguar a agonia do mais entediado dos leitores e aplinar o desassossego do mais irrequieto dos espíritos.

Teria eu coragem de negar aos críticos dessa empreitada que a viagem à roda de minha casa nada me custou em termos materiais? Cuido que não deveria ser motivo de desonra admitir que tal excursão não tenha sido objeto de expensas de minha parte, entretanto é dever do autor ser de todo honesto com quem deposita seu precioso tempo a passar os olhos por estas humildes linhas. Não, digo e redigo, a travessia por meu domicílio não me foi isenta de despesas; não transformemos tudo em mera questão monetária, quando os dispêndios de ordem não material superam em grande quantia os nulos custos financeiros. Dito isso, o leitor poderá agradecer a si com semelhante trajeto sem despender seus recursos patrimoniais — o que não é o mesmo de dizer que o passeio lhe será gratuito. Reservo-me ao direito de calar a respeito dos sentidos desta ressalva; permitamos que a crítica faça seu trabalho ao menos uma vez.

---

<sup>1</sup> Escritor e jornalista. Autor do romance *Cela 108* (Multifoco, 2015), foi um dos vencedores do Concurso Scribe de Contos (2014) e do concurso Pauliceia 900 (2016). Atualmente escreve sobre literatura para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Twitter: @andrecaceres\_.

Devo começar pelas janelas, por motivo algum senão pelo fato de que elas foram a mola propulsora da presente jornada. Incapaz de observar o exterior, voltei meu olhar para os dramas internos que acometiam o lar. A raiz de tal impossibilidade, compreenderá o leitor que me indaga, será explicitada em breve. Por enquanto, basta saber que tudo nasceu do paradoxo da janela — e que, em dicionários prestigiados, janela está listada como sinônimo de fenda, buraco, lacuna. Preenchamo-la de sentido adiante.

## Capítulo II

Da janela de meu quarto, o verão converte-se em inverno sem cerimônia; as estações tornam-se homogêneas quando não se pode observar a natureza. Houve um tempo em que, do conforto de minha cama — ainda chegaremos a ela, deve-se dizer para acalmar afobações desnecessárias —, era possível avistar ao longe montes sinuosos e bosques verdejantes, torres elevando-se ao céu e nuvens precipitando-se ao chão. Nada me escaparia num raio de muitas milhas, como a um astrônomo que observa as translações e o bailado dos planetas feito um voyeur, sentindo em seu âmago o ciúme dos corpos celestes em órbita mútua e sensual, dos asteroides que cortejam o sol como aspirantes à mão de uma dama requisitada — todos inexoravelmente recusados, como os pretendentes de Penélope sob a ausência de Odisseu. As estrelas, elas também costumavam ser visitantes frequentes de meu quarto, agraciando-me todas as noites com sua luz antiga que nos permite vislumbrar o passado a olho nu, partilhar de tempos anteriores à era humana, quando gigantes caminhavam sobre a Terra sob o negrume do céu noturno pontilhado. E lá eu me quedava, sentindo a pequenez de meu ser sem saber que eu seria transformado numa criatura diminuta em breve.

Adianto-me, porém.

Pois findou-se o tempo em que as janelas de meu quarto ofereciam passagens para o passado, testemunhos da vida alheia, panoramas da metrópole e alívio interior. Com a repentina construção da Grande Muralha de Meu Vizinho, que não pode ser vista do espaço como a da China, mas que bloqueou-me a vista do universo inteiro — barragem que nem mesmo a da China pôde impôr a suas fronteiras — vi-me impossibilitado de empreender devaneios observatórios de dentro de meu quarto.

Por algum tempo depois de o muro ter sido erigido, tive de me refugiar em viagens imaginárias para os planetas e suas luas, mapeei o cinturão de asteroides e

busquei resquícios de vida extraterrestre. Essas aventuras supriram-me o desejo de explorar o desconhecido durante longo período, mas então vieram os dias da peste. O ambiente doméstico deixou de ser o ponto de parada entre uma rota e a seguinte para se tornar um claustro. Anula-se o conforto de um lar quando suas paredes protetoras passam a ser as extremidades de uma jaula. Nessa nova realidade, a mente renuncia à pródiga atribuição de veículo para fabulosas empreitadas e torna-se escassa em combustível para fabricar novas travessias.

Digo que a janela foi a força motriz que me empurrou para a empreitada que pretendo aqui relatar; mas estou sendo omisso. Há que se reconhecer: eu perdera o acesso à paisagem havia muitos meses quando me lancei na sinuosa rota de peripécias por minha morada. A causa verdadeira de minha empreitada não é outra senão os números.

### Capítulo III

Quando os dias da peste assomaram, eu, que já era suficientemente hostil aos vizinhos, tornei-me arisco aos próprios familiares. Constatei que a privacidade havia se tornado uma virtude reservada apenas aos mortos, que por vezes nem chegavam a ser contabilizados — partiam em segredo, envoltos por uma solidão que jamais experimentaram em vida.

Os números não têm rosto nem odor, não exalam um cheiro putrefato quando não temos lugar para enterrá-los; não reclamam se não choramos por eles, nem demandam caixões mais luxuosos que de costume, aliás, não se incomodam de não haver esquife algum, tampouco pedem que se costure uma mortalha mais adequada à ocasião. Como os mortos, números não falam, não nos repreendem quando nós os desprezamos ou os tratamos sem a devida deferência. Porém, também como os mortos, números se reproduzem, se multiplicam e aumentam exponencialmente se nós os deixamos à larga. E temos de confessar que os deixamos.

Fingi condolências pelos algarismos que ganhavam contornos e traços e descendência e carne e osso e cheiro e um rosto e um documento de identificação empoeirado. Então eles deixavam de ser meros números por um instante fugaz, e uma sensação atroz de perigo tomava conta de mim, mas ía embora num átimo. Eu não admitia, mas preferia quando as pessoas eram só números. Números não têm família, não clamam por justiça, não esperam ser vingados, não atentam contra nossa sanidade

mental, não desrespeitam a moral e os bons costumes com seus corpos fétidos de cadáveres amontoados. Preferia me reconciliar com a matemática do que conferir humanidade àqueles números enjaulados em féretros.

Há que se fazer uma ressalva, contudo. A reconciliação com a arte de Pitágoras, Euclides e Russell não passava da página dois. Recusei-me a princípio a crer em seus gráficos montanhosos, a escalar suas subidas íngremes, como alpinistas que galgam cordilheiras de mortos. Minha crença na matemática era apenas um casamento arranjado, uma relação de fachada, um jogo duplo de aparências, um logro mal-ajambrado. Não tardou para que meu descrédito fosse provado equivocado. Tentei remendar os rasgos do tecido social com a linha da hipocrisia e a agulha do cinismo. Falhei. E então me lancei na presente jornada. Ah, os números, esses seres traiçoeiros que fazem com que eu me sinta pequeno...

Parece-me que eu estava havia meses alongado em minha cama — enfim, chegamos a ela, leitor, perdoe a morosidade com que alço voo, tal qual um jumbo que... Não, calo-me; à cama, de uma vez por todas! Estava eu em meu catre, conforme narrado, para o desespero dos que reprovam a repetição. Deitado, admirava o suntuoso espetáculo das paredes brancas imutáveis, a imaginar cenários dos mais toscos projetados na Grande Muralha do Meu Vizinho, quando me dei conta de uma súbita alteração no tamanho dos quadros suspensos em minhas paredes. Eles aparentavam ser maiores do que costumavam ser segundos antes. A porta, no canto oposto do cômodo, parecia se distanciar pouco a pouco, como se a distância da cama até ela ganhasse alguns centímetros, que logo se tornaram metros.

A percepção de que era eu quem encolhia, como se houvesse tomado a poção de Alice e estivesse prestes a adentrar o País das Maravilhas, atingiu-me como um raio. Observei minhas mãos, que de minha perspectiva se conservavam iguais, e contrastei o olhar com os móveis, para constatar que, ou meu quarto ganhava contornos gigantescos, ou eu me transformava em uma criatura pequena. “Bem que eu havia lido algo sobre isso”, pensei comigo mesmo. “Seria esse o verdadeiro efeito da carência de vitamina D acarretada pela falta de exposição à luz solar? Ora essa, pensei que fosse mais uma notícia falsa... Aparentemente, de vez em quando elas são verdadeiras”, matutei. Se ainda houvesse a possibilidade de olhar pela janela e vislumbrar casas, prédios, carros, aviões, árvores e nuvens, eu poderia comparar medidas e tirar as verdadeiras

conclusões; sem essa opção, tive de me resignar com a dúvida, embora ela não tenha durado muito tempo.

Aproximando-me da borda da cama que dava para uma das extremidades do quarto, tentei medir a distância entre o colchão e a parede. Antes, esse vão não era capaz de comportar meu braço; pois agora via-me diante de um abismo que me convidava ao mergulho. Com a redução de meu tamanho e, por conseguinte, do peso que o móvel era obrigado a suportar, o colchão restabeleceu seu formato original de maneira paulatina, mas a deformação bastou para me desequilibrar. Tentei me apoiar na parede, mas ela estava longe demais e eu caí. Parecia que minha queda nunca cessaria, até que o impacto contra o chão me trouxe de volta à realidade.

Antes que eu pudesse me recuperar do baque, ainda tateante em meio ao breu repentino, deparei com uma terrível visão: uma aranha gigantesca espreitava-me faminta. Seus numerosos olhos focalizavam meu rosto assombrado, suas presas batiam uma contra a outra em sinal de alarme, suas patas percorriam o chão empoeirado numa velocidade impressionante, seu corpo negro como a noite camuflava-se na escuridão que vicejava sob a cama — esse leito que todos os dias testemunha ao redor do mundo nascimentos, mortes, concepções e toda sorte de ritos humanos de passagem. Pensei comigo que seria irônico morrer ali, sob a própria cama, enquanto me resguardava em casa para não padecer.

No momento em que esse raciocínio cruzava minha mente, um ponto luzidio capturou-me a atenção. Ora, se não era o alfinete que eu perdera no dia anterior? Antes, mero instrumento doméstico; agora, minha Excalibur — talvez Ferroadada fosse mais apropriado ao meu tamanho, mas não cogitei isso enquanto a brandia contra minha algoz de oito patas. Esquivei da investida inicial da criatura e atingi-lhe com um golpe certo na parte posterior de seu corpo, fazendo-a se contorcer. A aranha ainda me dirigiu mais um assalto, quase bem-sucedido, que me seria fatal. Minhas vestes chegaram a se rasgar com sua pata maliciosa, mas consegui desferir-lhe mais uma incisão que desta vez a matou.

Deixei meu corpo cair exausto após a contenda inesperada e suspirei por muitos segundos. Embainhei o alfinete em um furo de minha calça, aberto pelas garras aracnídeas, e me levantei. Só então percebi que uma hoste de aranhas me cercava, como que em busca de vingança não apenas pela combatente recém-tombada, mas pelos anos de opressão impostos por mim. Calculei que não seria uma causa injusta da parte delas, mas que nem por isso me permitiria ser capturado com facilidade. Busquei a luz do

outro lado daquela caverna e parti em disparada na direção dela, tentando deixar o calabouço sob a minha cama.

Eu corria sobre as tábuas lustrosas do chão de meu quarto, que imitavam a madeira sem de fato sê-lo. Observando o assoalho assim, tão de perto, em escala reduzida, suas falhas antes imperceptíveis tornavam-se claras. O piso, antes liso e uniforme, agora parecia irregular, os passos ficavam cada vez mais inseguros enquanto eu fugia, já ofegante e cansado pelo esforço, até então inédito em minha quarentena, já que me impus uma rotina sedentária de privação de atividades físicas.

## Capítulo IV

A claridade proveniente da lâmpada — e, devo admitir, até mesmo da janela, ainda que o muro lhe cobrisse a luz direta do sol e lhe tolhesse a capacidade de iluminar o ambiente — ofuscou meus olhos quando por fim consegui sair debaixo da cama. À medida que minhas pupilas se acostumavam à luminosidade, eu me dirigia para a saída do quarto. No entanto, uma enorme barreira marrom-escura se interpôs entre mim e a liberdade. A porta estava impiedosamente fechada. Isso não seria problema se a maçaneta não estivesse tão alta quanto um prédio. Seria impossível escalar sua superfície lisa e envernizada, então dei meia volta, driblei as numerosas patas das duas ou três aranhas que me ainda me perseguiram e corri na direção de meu canto favorito do cômodo.

A estante de livros erguia-se imponente como um imenso arranha-céu. Lombadas coloridas estendiam-se até tocar o firmamento branco, que, no caso, era o teto. Cheguei ao nível inferior do móvel e o encarei como se eu fosse o pedreiro contratado para perfurar a abóbada celeste durante a construção da Torre de Babel e estivesse prestes a iniciar a subida que me consumiria meses.

Iniciei minha escalada por alguns volumes de literatura brasileira, mais esquálidos e, portanto, mais fáceis de agarrar. Apesar de poderem subir com muito mais agilidade que eu, minhas perseguidoras hesitaram ao me ver galgar a obra completa de Murilo Rubião e, antes que o livro caísse da estante, saltar para os volumes de Campos de Carvalho. É sabido e amplamente difundido que aranhas são hábeis alpinistas, mas não é tão divulgado que elas são ávidas e respeitosas leitoras do surrealismo tupiniquim e nunca perderiam a chance de ler um conto de Rubião. Pois eu já estava me equilibrando entre os títulos latino-americanos, no vão entre Borges e Bioy Casares,

quando as vi devorando com satisfação a curiosa história do pirotécnico Zacarias. Antes que elas voltassem sua atenção para mim de novo, despistei-as no *Jogo da Amarelinha* e desapareci por entre os argentinos.

Mesmo sem a urgência da perseguição, minha ascensão foi fonte de grande sofrimento. O pó acumulado se aglomerava em bolotas dignas de feno no cenário dos filmes de faroeste. Prometi a mim que, quando retomasse meu tamanho original, faria uma limpeza sem precedentes naquelas prateleiras, arrumando os livros e deixando-os alinhados. Do topo da estante, eu avistava o quarto inteiro como um grande vale. A cama onde minha aventura havia se iniciado já parecia um planalto distante fazendo sombra na superfície do chão. Lá de cima, o guarda-roupa era a face escarpada de uma enorme montanha, ainda mais elevada do que a que eu havia galgado. Entre ele e a porta, o violão encostado há anos, já tomado pela poeira, era um monumento ao ócio.

## Capítulo V

Tracei o plano para alcançar a maçaneta da porta e escapar do quarto. Usando todas as minhas forças, ergui um livro do último nível da estante e o empurrei até ele cair, formando uma ponte entre a prateleira e a televisão. O corpo afinado do aparelho de tevê parecia uma ponte, talvez uma pinguela suspensa sobre um precipício. Conforme eu andava, a cada passo ela tremulava mais e mais, feito bambu subjugado por uma ventania. Pois o leitor erguerá uma sobrancelha desconfiado ao saber que bastou a mera lembrança de uma ventania para que a janela, aquela mesma lacuna paradoxal de que havíamos tratado, que foi a pedra angular da presente jornada, a própria janela trouxe uma lufada violenta de ar. Em meu tamanho normal, eu a sentiria como uma agradável brisa matutina, uma corrente fresca para arejar o quarto; naquele momento, entretanto, senti aquele vento como um furacão, um zéfiro imponente que me derrubou de cima da televisão.

Estiquei o braço e consegui me agarrar ao cabo HDMI espetado na traseira do aparelho. Transpirando, quase escorreguei ao segurá-lo, mas consegui firmar as mãos. Prendi a respiração até que a lufada passasse. Quando tentei subir pelo fio, ele se desconectou da tevê, cedendo ao meu peso, e balançou tal qual cipó até o outro lado do aparelho. Larguei-o quando o cabo chegou ao limite de seu movimento, já na extremidade oposta, e planei por alguns segundos na direção da porta até meu impacto

ser amortecido pelas roupas penduradas nela. Nunca havia pensado que meus pijamas me salvariam a vida.

Deslizei pelo tecido macio até a maçaneta e, com um salto, pousei nela, que vergou sob o peso de meu corpo. Em um clique, a porta se abriu. Usei um cordão do pijama como apoio para descer de rapel até o chão e, enfim, pude sair do quarto.

## Capítulo VI

Minha casa aponta diretamente para noroeste e situa-se no vigésimo terceiro grau de latitude ao sul do Equador, pouco abaixo do célebre paralelo popularmente conhecido como Trópico de Capricórnio. Localizada três horas atrás de Greenwich, ela está longitudinalmente pouca coisa a oeste do quadragésimo meridiano ocidental. Durante o ano, a área em que vivo chega a receber treze horas e meia de luz solar no verão, mas nos períodos mais frios, quando a temperatura cai a menos de dez graus Celsius, o intervalo luminoso não chega a onze horas em um dia. Naqueles dias de peste, menos de um mês antes do solstício de inverno, o sol se punha cedo, apenas cinco e meia da tarde, e não tornava a nascer até às seis e meia do dia seguinte, legando-nos treze horas completas de penosa e amarga escuridão. Para habitantes de um país tropical, litorâneo e caloroso em mais do que um sentido, as condições às quais eu estava exposto se mostravam cruéis e difíceis de aguentar por longo tempo, ainda mais em completo isolamento.

O território ao qual eu estava restrito, se não pelos desígnios da lei, pelas circunstâncias sanitárias em vigência, tinha uma área total de cento e oito metros quadrados. Minha residência estava situada meros oitocentos metros acima do nível do mar, o que significa que a água ferve a noventa e sete graus Celsius e meio em minha cozinha, em vez dos cem graus que ela precisaria atingir se eu vivesse no litoral, distante oitenta quilômetros em linha reta de onde eu moro.

Encravada em meio a um quarteirão, minha casa exhibe, em sua frente de seis metros de largura, um enorme portão de cor alva rodeado por pedras escuras que contrastam com sua brancura. A escassez de árvores por toda a ladeira em que o imóvel se localiza é parcialmente compensada por uma profusão de plantas das mais variadas espécies e tamanhos na garagem, único local do domicílio em que a luz solar incide diretamente.

Isso tudo que descrevo vem de memória, mas devo confessar ao leitor que não me lembrava das paredes externas descascadas sobre a garagem, tampouco dos detalhes da fachada da residência visíveis apenas aos visitantes de fora. Meu confinamento autoimposto me fizeram esquecer como minha casa se parecia para quem a olha da rua. O número do imóvel está enferrujado, pendurado na parede de pedra, enviesado na diagonal, dificultando sua leitura. Isso veio à minha lembrança de súbito como se me visitasse para alertar de que era para lá que eu deveria me dirigir.

Todavia, se as dimensões de minha residência antes me pareciam pequenas, talvez até apertadas, agora eu me via diante de um imenso deserto doméstico. Para onde quer que eu olhasse, as distâncias eram opressivas. Explorei o pavimento superior da casa com diligência e descobri cantos recônditos e desconhecidos em ambientes que antes me eram familiares. Não era a primeira que eu experimentava aquele sentimento, porém. Minha cidade toda, o leitor deve se lembrar, havia se tornado território proibido para mim. Eu me sentia *persona non grata* mesmo em minha vizinhança.

Assim como muitos que empreenderam semelhantes jornadas, eu havia acompanhado as imagens de minhas ruas favoritas vazias com o espanto incrédulo suscitado em Kublai Khan pelas descrições que Marco Polo lhe fornecia dos detalhes impossíveis das cidades de seu vasto império. Sentado em meu trono tal qual o imperador mongol, eu via os corpos empilhados, o asfalto estéril, o desespero dos que a peste poupou com a mesma impotência. Foram os mortos que construíram a cidade e agora eles pareciam reclamar a necrópole de volta, a paisagem gris outrora habitada por corpos vivos e repletos de cores.

Nem mesmo a arquitetura do bairro me seria familiar nesse momento. Eu vislumbrava frestas de janelas que permitiam ângulos antes inimagináveis. Sabia ser impossível conhecer a fundo todas as cidades do mundo, havia me conformado com esse pensamento; o que não esperava era constatar a impossibilidade de conhecer mesmo que de modo superficial as extremidades da própria casa. Rincões remotos de cada cômodo se desnudavam em porções inesperadas. A cidade, a região, o bairro, a rua, a casa, o quarto, cada esfera esconde em si seus segredos insondáveis. Existem muitas cidades em uma mesma cidade; agora eu me dava conta de não apenas a metrópole, mas minha própria casa é um tabuleiro de xadrez, suas torres e peões prestes a me proporcionar um xeque-mate a cada jogada hesitante de minha parte.

## Capítulo VII

Disse que empreenderia uma expedição aos limites de minha casa e, para o destempero do leitor que pouco cultivava a virtude da paciência, divaguei para longe das fronteiras outrora prometidas. Devo desculpas ao caro leitor, que dedica seu tão escasso tempo e sua tão valorosa atenção às minhas humildes palavras; não obstante, permanecerá em débito. Não implorarei o perdão de quem não tenha sensibilidade para se compadecer dos eventos que descrevi na sequência anterior. Não os considero um despropósito, pois se tratam de questões primordiais para a empreitada que me propus a narrar.

Mas antes que me acusem de desperdício de linhas ou de parágrafos, adianto que, para o tamanho que eu havia assumido, meu banheiro mais se parecia com uma releitura surrealista dos cenários de *Metrópolis* de Fritz Lang. Caso o leitor venha um dia a se apequenar por deficiência de luz solar como eu, não recomendo que visite o banheiro durante uma exploração da casa. Não será uma experiência agradável ver os formatos absurdos da pia e do vaso sanitário do chão.

Desconsidere minha advertência sob sua própria conta e risco, porém essa talvez seja a mais útil informação do presente capítulo.

Sigamos em frente, a despeito dos eventuais protestos que nos impilam ao movimento oposto.

## Capítulo VIII

A escada se mostrava um obstáculo mais temível do que se poderia imaginar a princípio. Cada degrau havia se tornado uma queda potencialmente mortífera. Eu não estava disposto a me arriscar catorze vezes a um salto de fé para chegar no pavimento térreo. Tive de elaborar uma artimanha para me lançar — eu estava a ponto de escrever “com segurança”, mas isso seria mentira, e eu nunca logro meu leitor — ao andar de baixo.

Pois o artifício não me veio de outro lugar senão o escritório adjacente ao meu quarto, o território menos doméstico de toda a casa, quase um apêndice do mundo externo fincado no seio do lar. Não deixa de ser irônico que a solução tenha vindo de uma paragem tão pouco afeita ao conforto e à contemplação, mais próximo de um terreno incógnito do que de algo que lembre um local de morada. Ainda assim, foi o

escritório que me trouxe a passagem de ida para a tão almejada sala e sua luz solar. Essa solução me veio na forma de um objeto dos mais triviais que se possa imaginar, mas absolutamente característico daquele cômodo: uma folha de papel sulfite.

Senti-me um Santos Dumont do mundo dos pequenos ao dobrar aquela imensidão branca de celulose no formato de um avião, ou algo que o valha. Meu Campo de Marte seria o hall que interliga quartos, banheiro e escritório, do qual parte a escadaria. Arrastei meu Boeing de papel — cujo formato estava mais para um F-15, mas com a confiabilidade do 14-Bis. Apesar dos riscos, era mais seguro do que me lançar escada abaixo.

Do topo dos catorze degraus, empurrei o aeroplano até que ela atingisse velocidade suficiente para conseguir sustentação no ar e montei sobre o papel. Segurei firme no Alfinete (com caixa alta, porque agora era o nome de batismo de minha espada, que antes de salvar minha vida era um mero alfinete em letras minúsculas) fincado na nave e senti o vento contra meu rosto enquanto o avião alçava voo.

É preciso fazer uma correção: sem propulsão contínua, minha aeronave não era de fato um avião, mas sim um planador; portanto o que eu rotulei de voo não passa de uma planagem. No entanto, era o suficiente para me levar até a sala em segurança. A taxa de descida bastava para que não houvesse choques diretos contra os degraus e suas quinas. Lá estava eu voando — planando, admito — sobre a escadaria, sentindo-me um Antoine de Saint-Exupéry à brasileira, quando me dei conta de que precisava ter concebido um mecanismo para controlar a direção do voo — planeio, admito — a fim de evitar colidir frontalmente com a parede do lavabo em que a escada se encerra abruptamente.

Como um Ícaro moderno, senti o calor da luminária instalada nessa parede começar a arder à medida que eu me aproximava. Lancei meu corpo para a direita de modo a desbalancear as asas do avião — planador, admito uma última vez — e fazê-lo virar. A tática funcionou, escapei da lâmpada que me ameaçava, como um sol em miniatura. Contudo, ao sobrevoar o sofá da sala, já procurando um local seguro para pousar, a porta de entrada trouxe-me uma ventania que me atingiu em cheio.

Minha nave foi lançada em parafuso na direção da cozinha. Não fosse pelo Alfinete espetado com vigor no papel, eu não seria capaz de me manter preso ao veículo; nem pretendo pensar sobre o que teria me acontecido caso eu tivesse cedido à intensidade da força de aceleração e largado o avião. Recuso-me a comentar essa

possibilidade, ainda que isso desaponte o leitor mais sádico, que acompanha meu relato mais por minhas agruras do que por qualquer outra característica.

Vencida a barreira que a escadaria apresentava, senti-me capaz de ultrapassar qualquer dificuldade que minha casa poderia oferecer. Não havia parado para pensar que a cozinha se mostra o local mais perigoso possível em uma residência. Há uma boa cota de acidentes domésticos no banheiro e altas doses de emoção a cada vez que alguém se aproxima de um lance de escadas, sim, pode argumentar o leitor. Todavia, poucos poderão listar perigos mais imediatos do que a combinação de fogo, gás e objetos pontiagudos proporciona. A cozinha é um verdadeiro matadouro. Eu só não sabia àquela altura que essa metáfora seria mais literal do que se pretendia.

## Capítulo IX

Pousei em segurança dentro da pia cheia d'água, como o comandante Sully amerrisando no rio Hudson. Embainhei o Alfinete novamente e nadei para a margem sudeste da pia, abaixo do bebedouro. Pude matar minha sede antes de prosseguir a jornada. Percebi que o breve contato com raios de luz solar na sala e sobre a pia já começava a me devolver um pouco do meu tamanho normal, mas eu ainda estava minúsculo.

Investido desse espírito de bravura que me fazia pensar que nada poderia dar errado, decidi descer da pia, em um arriscado movimento, pelos puxadores das gavetas. Não contava com meu peso recém-recuperado que fez as duas gavetas superiores, em que me apoiei, tombarem no chão, espalhando talheres por todo o recinto.

Suspirei longa e demoradamente, pensando sobre como levaria tempo organizar tudo aquilo quando retomasse minhas proporções originais. No entanto, aquele era apenas o começo de uma bagunça muito mais generalizada.

Pensei estar enlouquecendo — sim, àquela altura eu ainda tinha em alta conta minha própria sanidade — quando comecei a ouvir vozes ao rés do chão. Olhei ao redor buscando quem seriam os donos daquelas vozes, que mal passavam de ruídos estridentes, até que notei uma aglomeração de garfos ao longe. Todos impossivelmente se equilibrando em pé.

Ainda estava eu tentando compreender como aquilo podia acontecer quando a sombra de um garfo, o mais alto de todos, se ergueu sobre meu rosto, cobrindo-me por inteiro como um véu de penumbra, e eu o ouvi pigarrear antes de se apresentar como o

general Garfield. Ele solicitava — e eu não parecia ter muita alternativa — que eu me apresentasse para fazer parte das tropas do exército na guerra contra as facas.

Não sei quanto tempo se passou até que estivéssemos todos sob uma cadeira que havíamos assumido como nosso quartel-general, alinhados em posição de sentido, os garfos, algumas colheres aliadas e eu. No extremo oposto da cozinha, já na fronteira com a área de serviço, as facas se reuniam sob nossos olhares férreos.

O frio que circulava pelo chão de azulejos me fazia bater o queixo enquanto eu tremia para empunhar Alfinete. O toque das trombetas de ambos os lados e as cores das flâmulas que os exércitos brandiam me tiravam o foco do absurdo daquela situação. Eu havia passado as últimas horas, em meio aos treinamentos, tentando compreender as motivações daquela guerra, mas tudo o que me disseram foi que estavam seguindo as ordens superiores. Chegaram a me espetar para que eu parasse de fazer perguntas inoportunas e não reduzisse o já baixo moral da tropa.

Assim que eclodiu a batalha, corri por entre as pernas das cadeiras e da mesa buscando uma posição menos dianteira. As facas tinham, obviamente, um poder de fogo maior do que nós, e eu não pretendia estar diretamente envolvido no front. É claro que falhei, senão pouco haveria para narrar aqui; por outro lado, tive sorte, senão não estaria relatando nada a não ser aos leitores que já partiram desta para uma melhor.

Picasso não teria pintado sua *Guernica* e nem Tolstoi escreveria uma linha sobre guerra, quanto menos paz, se tivessem encarado um soldado inimigo de frente, fitado-o no fundo de seus olhos e fincado-lhe a ponta de uma baioneta. Mas eu também não fiz nada disso, já que as facas não têm olhos e eu estava munido apenas de um alfinete, então também posso escrever sobre o desenrolar do conflito.

Vi companheiros meus de muitos anos de refeições tombarem de um lado e do outro, inimigos mortais se dilacerarem, soldados tirarem a própria vida para não serem capturados. Em minhas raras incursões para além das linhas de defesa das facas, aprendi o que é sentir medo de verdade. Conheci bons utensílios que haviam abandonado tudo o que tinham em suas gavetas para se sacrificar em uma batalha sobre a qual poucos ou mesmo ninguém sabia o que poderia resolver, se é que alguma guerra possa ter uma razão de ser. A única coisa que não vi foi a deserção, talvez porque não haviam motivos mentirosos para a realização da escaramuça; ninguém, em momento algum, falou em palavras vazias que nada significam, como “pátria”, “nação” e “liberdade”, ou toda sorte de conceitos que servem apenas para manter soldados fiéis a causas das quais eles não comungam porque não existem para além de interesses particulares. Não, ninguém

desertou. Facas, garfos e colheres deram suas vidas por algo maior, algo que não tinha nome.

Não me atrevo a narrar detalhes sob o risco de cair na ficção pura; confesso que pouco vi da refrega de onde eu estava. Embosquei alguns pelotões de facas, escavei trincheiras aqui e acolá, combati certas lutas individuais, comandi um ou outro grupo de garfos. Não pretendo pedir por mais honrarias do que as que me foram concedidas: ao fim da guerra, quando os tambores dos garfos soaram vitoriosos e a paz se restabeleceu em minha cozinha, fui condecorado com uma medalha de aço inoxidável pelos bons serviços prestados à República dos Talheres.

E então fui dispensado de minha carreira militar com a mesma rapidez com que adentrei nela, agora livre para, enfim buscar a luz solar pela qual meu corpo tanto ansiava na garagem de casa.

## Capítulo X

Enfim estava eu diante das plantas que habitavam minha garagem. Meus ferimentos eram superficiais, as dores musculares que assaltavam meus membros não me impediam de seguir em frente, nem mesmo os vasos que mais pareciam os jardins suspensos da Babilônia poderiam me amedrontar àquela altura. Passei sob a carroceria do automóvel, que repousava como um corcel branco em seu estábulo, sem perspectivas de sair dali e pastar nas colinas do mundo externo tão cedo.

Dei enfim os últimos passos de minha estafante jornada sentindo-me exausto, como se nada mais pudesse me provocar dor e meu sistema nervoso estivesse imune a qualquer estímulo. Quando saí debaixo do carro, enfim senti o calor e a luz provenientes do sol, revigorantes para mim como para as plantas.

Não tive forças para fazer nada além de deitar ali mesmo, no chão empoeirado da garagem, e deixar-me receber os raios que me iluminavam sem mover um músculo sequer.

Eu havia explorado cada canto daquela casa, cada fresta e quina, cada rachadura e sombra, cada vão e abertura, cada palmo e metro quadrado que se possa conceber dentro dali. Nenhum de seus segredos jamais me seria vedado depois de tal expedição.

Então senti meus braços rasparem contra o chão e olhei-os de soslaio. Minha mão direita começava a se aproximar dos vasos de planta junto à parede. Minhas pernas se esticavam na direção do portão. Minha cabeça se deslocava rumo ao carro. Cada

pedaço de mim se tornava mais distante à medida que meu corpo se expandia sob a luz solar que o aquecia e lhe servia de combustível.

Um ruído agudo, como guizos tocando, ressoou em meus ouvidos. Adormeci sob as claraboias e sonhei com ruas cheias de vida, pedestres se acotovelando em meio aos vendedores ambulantes que anunciavam suas mercadorias, lojas multicoloridas oferecendo promoções aos transeuntes distraídos, amantes entrelaçados em um abraço firme, o som de buzinas se entrecruzando ao sino das bicicletas, os motores ruidosos dos ônibus confrontados às turbinas de aviões em plena decolagem, os contrastes, os cheiros, os sabores de uma vida perdida em algum ponto do passado.

Para o descontentamento dos leitores que não aprovam aventuras oníricas, acordei em minha cama. Mas avistei meus livros tombados e, ao descer as escadas, vi uma profusão de talheres esparramados pelo chão da cozinha, assim como um pedaço de papel ensopado dentro da pia.

Olhando ao redor, vi móveis familiares por outros ângulos, percebi os cômodos de minha casa por perspectivas novas, os quadros ligeiramente diferentes. A sensação de estranhamento me tomou por completo. Retornei aos meus aposentos e olhei pela janela. O muro havia sumido: agora ele daria lugar ao que eu quisesse imaginar.